



DOSSIÊ CURRÍCULO, FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS E EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

Shirlei Rezende Sales

Por Elenita Pinheiro de Queiroz Silva (UFU),¹ Profa. Dra. Gisele Ruiz Silva (FURG)² e Profa. Dra. Juliana Lapa Rizza (FURG)³

1 - Inicias a apresentação do teu currículo lattes apontando para uma das posições que ocupas: mãe! Esse apontamento nos faz pensar que essa posição te interpela nos teus atos enquanto pesquisa e do teu fazer acadêmico. Conte-nos de que maneira isso acontece.

O maior objetivo deste registro no meu lattes é exatamente provocar esse tipo de questionamento. Possivelmente, todas as mães vão entender o que significa conciliar a carreira acadêmica e a maternidade. É um desafio gigantesco! Em meio a cobranças insanas, tanto da academia quanto da família, uma sobrecarga de trabalho geralmente nos extenua. Ao mesmo tempo em que isso é absurdamente injusto, é uma oportunidade

¹ Doutora em Educação (UFU). Mestra em Educação (UFBA). Licenciatura Plena em Ciências – Habilitação em Biologia (UEFS). Professora Associada III da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), lotada na Faculdade de Educação, atua na Graduação e no Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática. Líder do Grupo de Pesquisa Gênero, Corpo, Sexualidade e Educação (GPECS). E-mail: elenita@ufu.br

² Pedagoga, Mestra e Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Professora Adjunta do Instituto de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Vice-líder do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/FURG. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola GESE/FURG. E-mail: gisaruijsilva@gmail.com

³ Graduada em Pedagogia Licenciatura com habilitação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mestrado e doutorado em Educação Ambiental (FURG). Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências. Professora Adjunta do Instituto de Educação da FURG. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese/FURG). E-mail: rizzalapajuliana@gmail.com

de questionarmos as exigências que se impõem nessas duas esferas. Além disso, há uma discursividade que nos culpa quando tentamos nos equilibrar entre as inúmeras tarefas maternas e profissionais. Tudo isso precisa ser problematizado, colocado na ordem do discurso para que possamos construir, em conjunto, formas saudáveis, equilibradas e justas de equacioná-las.

Como pesquisadora, sou, desde o início de minha formação, profundamente mobilizada pelas questões de gênero. Então, estou desde sempre atenta às relações generificadas que constituem nossas subjetividades. Elas estão presentes e, de forma direta, atuam nas mais diversas dimensões das nossas vidas, seja na maternidade, seja na academia.

Além disso, a maternidade é uma experiência revolucionária, a qual promove transformações profundas. Sou uma pessoa radicalmente diferente depois de me tornar mãe, e isso obviamente tem efeitos em minhas atividades acadêmicas. Tenho outra forma de olhar o mundo. Lanço, para ele, outras demandas. Invisto esforços na busca de um mundo mais justo. Também me compadeço mais profundamente diante das desigualdades. Movo-me com mais intensidade na luta por direitos. Enfim, a maternidade é uma força propulsora em meu laborar. Ainda, ela produz, em mim, inúmeros questionamentos acerca das estruturas sociais nefastas, que precisam ser superadas de modo definitivo.

2 - Na súmula do teu lattes, também estão informadas outras posições e espaços-tempos das tuas experiências/formação: pós-doutora; professora do Programa de Pós-Graduação da FAE/UFMG; coordenadora da Linha de Pesquisa Currículos, culturas e diferença; atuou como subchefe de Departamento; membro de grupos de pesquisa e de Conselhos editoriais de periódicos; atuou como vice-coordenadora do Curso de Pedagogia da UFMG. Além dessas posições, é relatado, em teu lattes, que tens experiência no campo educacional, trabalhando com temáticas como: currículo, ensino médio, juventude, gênero, sexualidade, cibercultura, redes sociais digitais, política educacional. A partir dessas informações e conhecendo tua trajetória por outras vias, gostaríamos de te perguntar: nas pesquisas que vens produzindo, acerca da reforma no Ensino Médio e do Currículo no tempo presente, como, em tua análise, a juventude vem sendo posicionada/produzida pelos/as seus reformadores/as e propositores/as dessas inovações?

A contrarreforma do Ensino Médio é uma das políticas educacionais mais nefastas da contemporaneidade. Desde o início, quando ela ainda era uma medida provisória, um grupo de pesquisadoras/es da UFMG e eu nos dedicamos a compreender os efeitos dessas normativas, bem como lutamos por sua revogação. É um projeto que sonha o conhecimento curricular à juventude brasileira. É, ainda, produto de um investimento massivo das fundações empresariais, com objetivos claramente privatistas e mercadológicos. Com a implementação nas escolas de todo o país, desde o ano passado, temos uma atrocidade em curso, que exige de nós uma mobilização inarredável pela revogação da Lei 13415. Contudo, essa luta é árdua. Para tal empreendimento, formamos aliança com outras/os pesquisadoras/es de todo o país, sob a coordenação da incansável da professora Mônica Ribeiro Silva, da UFPR. Por meio da Rede EMPesquisa, temos nos articulado na produção de pesquisas, na publicação de artigos, na formação/orientação de novas/os pesquisadoras/es, na realização de eventos de divulgação científica. Enfim, trata-se de um conjunto de iniciativas que nos fortalecem para a produção de conhecimento acerca da contrarreforma. Da mesma forma, temos sistematizado, de diversos modos, nosso trabalho de luta, em que se destacam ao menos dois documentos amplamente divulgados. O primeiro deles é uma CARTA ABERTA PELA REVOGAÇÃO DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO (LEI 13.415/2017)⁴. Já o segundo é intitulado: MOVIMENTO NACIONAL EM DEFESA DO ENSINO MÉDIO CARTA AO GT TRANSIÇÃO - EDUCAÇÃO⁵.

É preciso registrar que tudo isso tem sido realizado com inúmeras dificuldades, especialmente por conta dos ataques dirigidos às universidades públicas, ao longo de 2016 a 2022, com cortes orçamentários os quais, dentre outras atrocidades, têm inviabilizado a realização das mais diversas atividades científicas por todo o país. No conjunto, a tentativa de destruição das universidades públicas e a reforma do Ensino Médio significam um ataque, sem precedentes, ao direito à educação da juventude brasileira.

⁴ disponível em: https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/08/carta-aberta-em-defesa-da-revogacao-da-reforma-do-ensino-medio_final_25jun.pdf

⁵ disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2023/01/movimento-nacional-em-defesa-do-ensino-medio-carta-ao-gt-transicao-educacao-brasilia-dezembro-2022.pdf>

3 - Há um aspecto que nos interessa bastante no que tange ao teu modo de fazer pesquisa: tuas pesquisas envolvem a escuta ativa e a atenção sob o ponto de vista que as/os jovens alunas/os que cursam o Ensino Médio têm sobre o currículo. É possível afirmar que eles/as apontam para alguma possibilidade de ruptura com a proposta de currículo em vigência no país? Se sim, podes citar algumas que, para ti, sejam as mais relevantes? Outra curiosidade que temos: o que tu, como pesquisadora/mãe/mulher, sentes, pensas e acrescentarias às rupturas assinaladas por essas/es jovens?

A juventude brasileira tem contestado os currículos. As pesquisas que realizo e oriento têm mostrado uma certa distância entre o currículo e a cultura juvenil. Essa distância se efetiva em uma seleção curricular majoritariamente baseada em conteúdos que não possuem sentido para a juventude. Eles lhes parecem estranhos. Não dialogam com as culturas juvenis. Isso acaba produzindo uma recusa à escola, podendo levar à desistência e, no limite, ao abandono escolar.

Tudo isso é intensificado com política de currículo nacional obrigatório: a BNCC - Base Nacional Comum Curricular⁶. Há tempos o campo curricular já denuncia os inúmeros equívocos de uma política de currículo única. Isso se agrava ainda mais em um país com dimensões continentais como o Brasil, com sua ampla gama de diferentes culturas. A BNCC e as decorrentes políticas de avaliação sistêmicas comprometem consideravelmente as chances que as escolas brasileiras têm de desenvolver currículos que estejam em maior conformidade com as culturas locais. Isso afeta negativamente a produção de sentidos que a juventude tanto exige para os currículos que vivencia. Por sua perspectiva utilitarista, tecnocrática e ultrapassada, a BNCC representa um retrocesso nas políticas curriculares. Ela distancia ainda mais os currículos dos sujeitos que os praticam. Essa normativa privilegia uma gama de “habilidades e competências”, negligenciando uma série de saberes imprescindíveis a uma formação crítica e reflexiva, como, por exemplo, as questões de gênero e sexualidade. Isso é notório, especialmente, na parte do documento destinada ao Ensino Médio⁷. É uma tentativa torpe de tornar comuns certos conhecimentos particulares, que atendam aos interesses políticos de determinados grupos.

⁶ Os documentos da BNCC - Educação Infantil e BNCC - Ensino Médio foram aprovados, respectivamente, em 2017 e 2018.

⁷ Para saber mais, leia <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/20385>

4 - Dentre as tuas ações de extensão, estás propondo a reedição da “Coletânea Juventude Brasileira e Ensino Médio”. Conte-nos um pouco sobre o que te move como pesquisadora, considerando o contexto atual, para propor essa reedição. O que será alterado no material, considerando que a primeira edição foi produzida e publicada antes da reforma do Ensino Médio?

A primeira edição da “Coletânea Juventude Brasileira e Ensino Médio” foi um grande sucesso. Ficamos imensamente orgulhosas/os da excelente receptividade de um trabalho bastante cuidadoso, no qual se discutiu temas da maior relevância em seus diferentes cadernos. O enorme êxito dessa publicação de 2012 nos moveu para sua reedição em 2021. No trabalho recente, as discussões foram ampliadas para outros territórios educativos, para além da escola de Ensino Médio. Por isso, a nova produção foi atualizada, ampliada, reescrita. Novas/os autoras/es foram convidadas/os, novas temáticas foram acrescentadas. A série “Juventude Brasileira e Educação” agora é composta por 14 cadernos⁸. O processo de elaboração da coletânea foi coletivo. O grupo de autoras/es e as coordenadoras se envolveram em um processo de trabalho que incluiu a leitura minuciosa e colaborativa das diversas versões de todos os textos. O processo contou, ainda, com uma criteriosa revisão da nossa saudosa professora Inês Teixeira. Em novembro passado, fizemos um lançamento em um simpósio internacional em Bogotá na Colômbia. Os exemplares são distribuídos gratuitamente. A versão digital está disponível para download no site do Observatório da Juventude da UFMG⁹. A coletânea está um primor e convido todas/os à leitura desse material.

⁸ Juventudes e escola; Juventudes, sexualidade e diversidades; Juventudes e relações étnico-raciais; Juventudes e projetos de vida; Juventudes e processos educativos; Por uma pedagogia das juventudes: educação e pesquisa como princípio educativo; Juventudes e participação política; Juventudes e relações de gênero; Juventudes e trabalho; Juventudes e territórios: o campo e a cidade; Juventudes e ensino superior; Juventudes, processos educativos sobre drogas e redução de danos; Juventudes, culturas juvenis e cibercultura; Juventudes e indisciplina nas escolas.

⁹ Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/livros-links-artigos-2/>

5 - Dentre as obras de tua autoria, publicadas recentemente, destacam-se “Juventude e Relações de Gênero” e “Juventudes: culturas juvenis e cibercultura”. São obras que problematizam a produção das juventudes entrelaçadas às relações de gênero e a cibercultura. A partir delas, como tens percebido as implicações da cultura digital no processo de subjetivação das juventudes? Que impactos ou afecções a cultura digital (pode) provoca(r) no currículo da escola brasileira?

As relações de gênero são constitutivas da nossa existência. Elas fazem parte também dos currículos. No entanto, elas têm sido alvo de uma ofensiva antigênero, que no Brasil, passou a ser intensificada a partir de 2016. Ainda que formalmente haja um intenso investimento para banir essas políticas antigênero, elas invadem os currículos em ação. Os currículos são disputados. Nas palavras de Tomaz Tadeu, o currículo é, pois, um “território contestado”. Diante disso, as culturas juvenis vão tensionando a cultura escolar prevalente e demandam a inclusão curricular de temáticas diversas, tais como as questões de gênero e sexualidade. Além disso, dentre os inúmeros elementos que constituem as culturas juvenis, a cibercultura merece destaque. Atualmente, podemos afirmar que as juventudes, de modo geral, encontram-se intimamente conectadas às tecnologias digitais, em especial, aos smartphones. Eles são praticamente parte integrante do corpo juvenil. Em uma categoria analítica, podemos dizer que a juventude é ciborgue. Essa marca de sua existência implica inúmeros desafios, especialmente para a educação. Os celulares e as redes sociais digitais (em especial) têm disputado a atenção das juventudes, e a escola tem, de modo geral, perdido a batalha. Isso exige de nós a realização de investigações a respeito e também criações curriculares para produzir sentido para a escola e seus processos formativos, em uma temporalidade marcada pela presença intensiva das tecnologias digitais. Por um lado, penso que precisamos repensar os currículos e incorporara a eles a cibercultura, seus elementos constitutivos, suas lógicas e amplas possibilidades. Por outro lado, são múltiplos aspectos que precisam ser questionados, especialmente a dimensão da confiabilidade das informações disponíveis no ciberespaço e também a dimensão do vício no uso abusivo e restritivo das tecnologias digitais.

6 - A partir do que vens desenvolvendo no âmbito da pesquisa, gostaríamos de te ouvir sobre a tensão produção do ou de currículos e formação de professores/as. São territórios possíveis para provocar os discursos que assumimos ou que nos são apresentados como verdadeiros?

O que disse até aqui está bastante centrado nas especificidades do Ensino Médio, etapa que, prioritariamente, dedico-me a pesquisar. No entanto, orientei algumas pesquisas que se dedicaram a estudar aspectos curriculares também da Educação Infantil, do Ensino Superior e da Formação docente. Já escrevi alguns artigos em que analiso as práticas curriculares que desenvolvo no âmbito da formação inicial e continuada de professoras/es. Essa é uma das minhas grandes paixões! É extremamente gratificante trabalhar em uma área com tantas possibilidades de atuação direta na sociedade. A sala de aula tem inúmeras potências. Então, formar professoras/es é uma oportunidade gigante de participar ativamente da construção de um mundo melhor. Isso me enche de vitalidade para realizar meu trabalho docente. Invisto esforços consideráveis no planejamento curricular de minhas disciplinas. Busco criar currículos que sejam teoricamente consistentes e didaticamente assertivos. Além de fascinante, isso é cada vez mais um grande desafio. Nos dias atuais, em específico, pós-pandemia de Covid 19, com todos os seus dramáticos efeitos, tem sido bastante difícil conseguir mobilizar a juventude para o compromisso efetivo com a qualidade de sua própria formação. Muitas alunas do curso de Pedagogia não têm se co-responsabilizado por sua aprendizagem. Isso tem me angustiado sobremaneira. Fico extremamente preocupada com o tipo de professoras que temos credenciado a atuar profissionalmente, via Ensino Superior. Desse modo, no contexto atual, tenho me dedicado a encontrar pistas formativas que sensibilizem ainda mais as alunas da graduação para as potências da docência teoricamente fundamentada, densamente consistente, socialmente comprometida e politicamente engajada. Essa tem sido uma tarefa árdua.

7 - Que sugestões de sites, textos, filmes, livros e outros materiais educativos poderias compartilhar com a finalidade de auxiliar nas problematizações em torno do currículo, formação de professoras/es, gênero e sexualidade?

São inúmeras referências.... Na série “Juventude Brasileira e Educação”, mencionada anteriormente, temos uma curadoria altamente qualificada de várias dessas

indicações. Mapeamos vários desses materiais e organizamos todas as sugestões nos respectivos cadernos. Como elas estão categorizadas por temáticas específicas e disponíveis na internet, penso que sejam uma ótima referência. O site do Observatório da Juventude da UFMG¹⁰ disponibiliza todos esses cadernos e inúmeras outras produções, os quais podem contribuir na formação docente e da juventude brasileira.

Outra sugestão importante é o Blog do Freitas¹¹. Nele, o professor Luiz Carlos Freitas publica, regularmente, uma série de informações sobre as políticas educacionais no Brasil e no mundo. É uma referência de grande valia para nos atualizar e também mobilizar nas diversas frentes de luta.

Por fim, indico o meu próprio blog¹², o qual é uma espécie de repositório de atividades das minhas turmas de graduação. Nele, há um vasto material acumulado, que pode inspirar criações curriculares diversas. Tenho um xodó especial pelo “Acervo de projetos brasileiros que resistem aos retrocessos e ao patriarcado”¹³. Ele foi produzido por Flora Villas, uma jovem, à época aluna da graduação, como atividade avaliativa da disciplina de Gêneros e sexualidades nos currículos. Uma potência!

Concluindo: poderias acrescentar comentários que julgas pertinentes para conclusão de nossa entrevista?

Concluindo, gostaria de registrar minha alegria em trabalhar como professora, pesquisadora e orientadora. A universidade pública é uma instituição fenomenal, a qual, atualmente, exige nossos esforços para defendê-la, garantindo seu necessário financiamento e autonomia. Como profissional da educação, sinto que precisamos também nos aliar para garantir nosso direito a condições dignas de trabalho, sem as insanas sobrecargas que nos extenuam, entristecem e, no limite, adoecem. Por fim, e extremamente importante no momento, convoco vocês a se juntarem a nós na luta pela imediata revogação da famigerada Reforma do Ensino Médio.

¹⁰ Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/livros-links-artigos-2/>

¹¹ Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/>

¹² Disponível em: <https://professorashirleisales.wordpress.com/>

¹³ Disponível em: <https://floravillascf.wixsite.com/feminismonascolas>

Agradecemos a tua colaboração.

Forte abraço e sigamos na criação de espaços-tempos curriculares/educativos fundados nas/pelas diferenças.

Uberlândia/Rio Grande, janeiro de 2023.

Elenita, Gisele e Juliana



Mãe! Pós doutora pela University of Illinois at Urbana-Champaign, USA. Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG, no qual atuou como coordenadora da Linha de Pesquisa Currículos, culturas e diferença. Professora Associada do Departamento de Administração Escolar FaE/UFMG, no qual atua como sub-chefe. Doutora em educação pela UFMG e membro dos seguintes grupos de pesquisa: Observatório da Juventude da UFMG; Ensino Médio em Pesquisa (EMPesquisa); Educação, Redes Sociotécnicas e Culturas e Digitais e do GECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas da FaE/UFMG). Integra o Conselho Editorial Externo da Alteridad Revista de Educación. Já integrou o Conselho Editorial do Periódico Educação em Revista e o Conselho Consultivo da Revista Docência no Ensino Superior. Recentemente foi vice-coordenadora do curso de Pedagogia da UFMG. Tem experiência no campo educacional, com ênfase nas seguintes temáticas: Currículo, Ensino Médio, juventude, gênero, sexualidade, cibercultura, redes sociais digitais, política educacional.